

Línguas em contato e diversidade linguística: o léxico regional na música gauchesca

Languages in contact and language diversity: regional lexicon in gaucho music

Odair José Silva dos Santos¹

¹ Doutorando em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), professor assistente e coordenador do projeto *Observatório Léxico-semântico do Português* na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).
E-mail: odairzile@hotmail.com

RESUMO: A diversidade de línguas no mundo possibilita que muitas delas estejam em constante contato ou mesmo convivendo em um mesmo espaço, resultando também em interculturalidade. Cria-se, então, a necessidade de promover ações que sejam capazes não só de “ler” essas diferentes realidades, mas também de valorizar e preservar as línguas e suas respectivas culturas, sendo a escola a principal promotora dessas ações. No Rio Grande do Sul, como produto cultural e manifestação da representação de tradições, as músicas gaúchas carregam muitas marcas culturais e linguísticas: vivências de fronteira, vida no campo, fatos da história, além de empréstimos da língua espanhola para a língua portuguesa. Como exemplo, destacamos as produções de César Oliveira e Rogério Melo, que servirão como *corpus* para a presente investigação. O contato linguístico vai além do mero contato entre duas línguas, provocando intercâmbios entre culturas também e, desse modo, os sujeitos envolvidos acabam por “incorporar” tanto os aspectos linguísticos como culturais. Assim, a presente proposta pretende discutir a noção de diversidade linguística e de pluralidade cultural em uma perspectiva lexical.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Música; Ensino.

ABSTRACT: The diversity of languages in the world allows many of them to be in constant contact or even sharing the same space, resulting in interculturality. It creates, then, the need of promoting actions that are able not only to “read” these different realities, but also to value and preserve the languages and their respective cultures, having the school as the main promoter of these actions. In Rio Grande do Sul, as a cultural product and manifestation of traditions’ representation, the regional (gaucho) songs carry many cultural and linguistic marks: border experiences, country life, history facts, beyond the Spanish words’ loans into Portuguese. As an example, we highlight César Oliveira and Rogério Melo’s songs, which will serve as *corpus* for the present investigation. The language contact goes beyond mere contact between two languages, promoting exchanges between cultures and, as a result, the subjects involved end up “incorporating” both linguistic and cultural aspects. Thus, this proposal aims to discuss the notion of linguistic diversity and cultural pluralism in a lexical perspective.

KEYWORDS: Lexicon; Music; Education.



1 Introdução

Atualmente existem cerca de 6.000 línguas espalhadas em 200 países pelo mundo: 120 deles têm como língua oficial o inglês, o espanhol, o árabe ou o francês. Dessa forma, é evidente a constatação da presença de diferentes línguas em um mesmo espaço geográfico, ou com grande proximidade (SIGUAN, 2001). Essa diversidade de línguas coexistindo permite que línguas e culturas estejam constantemente em contato.

Segundo Altenhofen, Mello e Raso (2011, p. 29), no Rio Grande do Sul, há no âmbito da imigração 26,41% bilíngues, sendo 56,61% desse total falantes da língua alemã, 33,94% da língua italiana e 3,97% da língua polonesa. É possível constatar os diversos contatos linguísticos pela proximidade geográfica ou por colonizações estabelecidas em regiões comuns, o que oportuniza a coexistência de não somente línguas, mas de diferentes culturas no estado.

A diversidade linguística é realidade em diversas regiões e países. Faz-se necessário, então, que os planos educacionais ofereçam subsídios capazes de registrar, estudar e valorizar as riquezas culturais e linguísticas dos povos que compõem as comunidades escolares. Dessa forma, o presente texto¹ tem o intuito de discutir a pluralidade cultural e a diversidade linguística em uma perspectiva lexical no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, na primeira seção, apresentam-se alguns apontamentos sobre diversidade e processos de ensino-aprendizagem; na segunda seção, são abordados alguns aspectos sobre a diversidade linguística no Rio Grande do Sul; na terceira, são feitas considerações sobre o léxico de fronteira, vistas a partir do contexto de contato entre Brasil/Uruguai e Brasil/Argentina e exemplificadas com duas canções regionais, interpretadas por César Oliveira e Rogério Melo.

¹ O artigo aqui apresentado configura-se como um recorte referente à dissertação defendida no mestrado em Letras, cultura e regionalidade, na Universidade de Caxias do Sul, em julho de 2014.

2 Diversidade linguística no âmbito escolar: alguns apontamentos

O Brasil é um país de grandes dimensões territoriais e, conseqüentemente, existe uma diversidade dialetal na língua falada. Essa diversidade edificou-se paulatinamente ao longo da história, inicialmente com a chegada dos portugueses e o contato com os povos indígenas aqui já estabelecidos; os contatos intensificaram-se ainda após a chegada dos imigrantes.

No âmbito da escola, o ensino de línguas enfatiza a necessidade do desenvolvimento das habilidades de ouvir, falar, ler e escrever. Travaglia, Araújo e Alvim (2007) defendem o ensino de língua portuguesa como um recurso de que o aluno “se servirá para se situar no convívio social e para adquirir conhecimentos que lhe permitam viver mais conscientemente dentro do mundo” (TRAVAGLIA; ARAÚJO; ALVIM, 2007, p. 56). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para língua portuguesa apontam que a escola precisa “constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade” (BRASIL, 1997, p. 38). Caracteriza-se, portanto, o trabalho com o ensino de língua portuguesa como promotor da valorização da diversidade, especialmente a linguística. Complementando essas ideias, os PCNs para pluralidade cultural defendem que:

A fundamentação ética, o entendimento de preceitos jurídicos, incluindo o campo internacional, conhecimentos acumulados no campo da História e da Geografia, noções e conceitos originários da Antropologia, da Linguística, da Sociologia, da Psicologia, aspectos referentes a Estudos Populacionais, além do saber produzido no âmbito de movimentos sociais e de suas organizações comunitárias, constituem uma base sobre a qual se opera tal reflexão que, ao voltar-se para a atuação na escola, deve ter cunho eminentemente pedagógico (BRASIL, 1997, p. 129).

Os PCNs propõem reflexões para a pluralidade cultural que estão relacionadas ao papel da escola na construção da democracia em um processo

de “promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano” (BRASIL, 1997, p. 129). Dessa forma, os estudos sobre a pluralidade cultural visam a explicitar e valorizar a formação do povo brasileiro, diante de sua diversidade social e étnica, que possibilitem a superação da discriminação e preconceitos.

Fica evidente, assim, a necessidade de compreender como se constroem as diferentes culturas, suas respectivas identidades e singularidades, a fim de promover os “diferentes povos e etnias, considerando as diferentes línguas (o bilinguismo e o multilinguismo) e linguagens presentes nas diversas regiões do Brasil e de outros países” (BRASIL, 1997, p. 133). As propostas trazidas pelos PCNs constituem-se, assim, em uma forma de política linguística, necessária para atender as demandas de um país com dimensões continentais como o nosso. Como bem lembra Leffa (2013),

Fica claro que o Brasil é um país multilíngue, com dezenas de minorias que não têm o português como língua materna, incluindo imigrantes, índios e surdos, esses com duas línguas de sinais. Em relação a essas minorias, a quem não se garante a voz e não se dá ouvidos, há também a necessidade de avançar, numa luta contra a indiferença, omissão e discriminação, quando não de incriminação, numa visão ainda babélica de que a existência de várias línguas é um castigo bíblico criado para gerar desentendimento e confusão. (LEFFA, 2013, p. 9-10)

Em consonância com essas ideias, Morin (2000) ao desenvolver “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, descreve algumas abordagens e práticas necessárias no processo de ensino e aprendizagem que se configuram emergentes na visão do autor. Das sete propostas², a sexta é “ensinar a

compreensão”, em que o estudioso alerta para a necessidade contemporânea de “compreender antes de condenar”, em um processo que possibilitará estar “no caminho da humanização das relações humanas” (MORIN, 2000, p. 100). Assim, aprender e compreender os feixes que formam e constituem as diferentes culturas e línguas tornam-se essenciais para a construção de um mundo mais humano e igualitário. Para Morin (2000):

As culturas devem aprender umas com as outras, e a orgulhosa cultura ocidental, que se colocou como cultura-mestra, deve-se tornar também uma cultura-aprendiz. Compreender é também aprender e reaprender incessantemente (MORIN, 2000, p. 102).

De acordo com o autor, há a necessidade constante de “trocas” entre as culturas, com o intuito de “aprender e reaprender” constantemente a condição humana, olhar para o outro e conseguir contemplar a riqueza e diversidade cultural que compõem o mundo. Nessa linha de pensamento, os PCNs salientam que “a música, a dança, as artes em geral, vinculadas aos diferentes grupos étnicos e a composições regionais típicas, são manifestações culturais que a criança e o adolescente poderão conhecer e vivenciar” (BRASIL, 1997, p. 133).

A música, especialmente a folclórica e a regional, possibilita o resgate de histórias e características culturais de um determinado grupo social e dos indivíduos que nele estão imersos, com a pressuposição da “investigação das histórias orais em diferentes épocas e contextos, como transmissoras de uma determinada cultura”, com a finalidade não só de promover, mas de “preservar e reinventar valores, normas e costumes no interior daquele grupo social” (BRASIL, 1997, p. 134). Vista como um produto cultural, a música configura-se relevante, uma vez que mantém viva a memória e a identidade de uma comunidade.

Cabe ressaltar aqui que a diversidade linguística e a pluralidade cultural não devem ser apenas contempladas nas aulas de língua estrangeira, uma

² Edgar Morin (2000, p. 100) argumenta em seu livro sobre sete propostas: 1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; 2. Os princípios do conhecimento pertinente; 3. Ensinar a condição humana; 4. Ensinar a identidade terrena; 5. Enfrentar as incertezas; 6. Ensinar a compreensão; 7. A ética do gênero humano.

vez que se trata de um trabalho interdisciplinar, podendo ser abordado nas aulas de Língua Portuguesa, Artes Visuais, História e Literatura. Nesse caso, é importante a execução de projetos que articulem diferentes disciplinas, que possibilitem o trabalho integrado entre os professores e os alunos, conduzindo-os à reflexão defendida nos PCNs.

3 A diversidade linguística no Rio Grande do Sul

A diversidade linguística no estado do Rio Grande do Sul pode ser constatada ao olharmos para sua história: habitada desde sempre por índios Charrua/Minuano, Guarani e Kaingang e colonizada, paulatinamente, após o século XVI, por imigrantes de diferentes continentes. Os primeiros colonizadores foram portugueses e espanhóis, que passaram a disputar parte do território, em um espaço de fronteira ainda não totalmente delimitado e “que *a priori* deveria separar, ao mesmo tempo permitia passagem, o contato” possibilitando “o estreitamento de laços comerciais, culturais e matrimoniais entre espanhóis e lusitanos na América Meridional” (CRUXEN, 2011, p. 69). As constantes disputas, e a presença desses povos no território, possibilitaram vários contatos linguístico-culturais, o que propiciou “trocas” e influências, hibridando e enriquecendo a formação do *gauchês*³.

Esse contato se mantém pela proximidade geográfica do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai, como pode ser visto no mapa que segue.

³ Há uma forte incidência de um dialeto do Rio Grande do Sul com vocabulário próprio, podendo ser chamado de *gauchês*.

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: <<http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Estados/RioGrandedoSul/>>.

A vinda de imigrantes foi uma estratégia da coroa portuguesa a fim de promover a ocupação de terras devolutas. Inicialmente, os açorianos chegaram por volta de 1740 para cumprir “o papel de povoadores e defensores dos interesses lusos” (BARROSO, 2011, p. 120). A presença açoriana deixou traços na língua falada na região, sob a forma de variantes léxicas tais como “Riba ou arriba (acima), samear (semear), despois (depois), saluçu (solução), premeter (prometer), folgo (fôlego), amenhã (amanhã), alumiar (iluminar), alevantar (levantar), alembrar (lembrar), arreceio (receio), melhor (melhor), varar (cruzar o rio), escuitar (escutar)” (BARROSO, 2011, p. 131-2).

A partir do século XIX chegaram imigrantes alemães e italianos ao Estado. Em 1824 os alemães fundaram sua primeira colônia (São Leopoldo), estendendo-se a colonização depois para outras regiões do estado; os primeiros italianos estabeleceram-se em 1875, ocupando espaço da encosta superior da serra nordeste, posteriormente foi fundada a Colônia de Caxias do Sul (SOUZA, 2000). A rica e diversa construção étnico-cultural e linguística do Rio Grande do Sul, no entanto, acabou por ser tolhida em função de situações políticas, como podemos constatar nos dados levantados por Oliveira (2009):

Durante o Estado Novo, mas sobretudo entre 1941 e 1945, o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas, instaurando uma atmosfera de terror e vergonha que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas [...] Essas línguas perderam sua forma escrita e seu lugar nas cidades, passando seus falantes a usá-las apenas oralmente e cada vez mais na zona rural, em âmbitos comunicacionais cada vez menos extensos (OLIVEIRA, 2009, s/p).

Manter uma língua é preservar a identidade e a cultura da comunidade que a fala, além de manter vivas histórias, hábitos e costumes. A restrição ao uso das línguas nos sistemas de imigração no Brasil provocou, em grande parte dos casos, estigmatização, gerando “consequências para a sobrevivência dessa língua e para a construção da identidade do indivíduo” (DAL CORNO, 2010, p. 89).

4 Léxico, música e ensino: do contato linguístico à diversidade

A presente seção tem por finalidade apresentar a interface entre língua, música e léxico como aspecto a ser abordado interdisciplinarmente em

disciplinas como Língua Portuguesa, Espanhola e História. Para Biderman (2001, p. 179), o léxico constitui-se como a “somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”.

Então, para pesquisa e análise, foram selecionadas 02 canções da dupla de cantores gaúchos César Oliveira e Rogério Melo⁴. Essas músicas constituem a vigésima primeira produção da dupla tradicionalista gaúcha César Oliveira e Rogério Melo, CD intitulado *Rio-grandenses*, em comemoração aos dez anos da dupla e contém as suas principais produções. A produção contém 15 canções e, para esta pesquisa, sorteamos 2 por considerarmos representativas e suficientes para o objetivo aqui proposto.

Nessa perspectiva, a finalidade refletimos sobre o léxico regional e a influência da região de fronteira no falar, especialmente verificada na música, já que essa se constitui como um produto cultural. Para isso, destacamos, em canções tradicionalistas gaúchas, lexias que se caracterizam como empréstimos do espanhol para o português. Utilizamos o termo “lexia” para referir-se aos vocábulos retirados de enunciados das canções, pois, nas palavras de Biderman (2001, p. 169), “se manifestam, no discurso, através de formas variáveis”.

Na sequência é apresentada uma amostra sucinta da tabulação e análise de itens lexicais, registrados nas canções *Apaisanado* e *Os “loco” lá da fronteira*. Com base nesses itens, foram realizadas investigações em dois dicionários da língua portuguesa – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009), *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2009) –, em dois regionalistas – *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003) e *Dicionário Gaúcho* (OLIVEIRA, 2010) –, no *Dicionário da Real Academia*

⁴ César Oliveira (1969-) nasceu em Itaqui, no oeste do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina e Rogério Melo (1976-) é natural de São Gabriel, próximo da fronteira com o Uruguai. Os intérpretes produzem canções tradicionalistas gaúchas desde crianças e em 2002 constituíram a dupla, trabalho que alcançou repercussão no cenário nacional em 2008 com o Prêmio Tim de melhor dupla regional do país e internacional com a indicação ao Grammy Latino no ano de 2013.

Espanhola (DRAE) e no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010).

O título da canção *Apaisanado*, apresentada na sequência, é uma referência a *paisano*: aquele ou quem é compatriota, que compartilha da mesma nação, estado ou comunidade. Assim, *apaisanado* é a característica de alguém que pertence a uma “querência”, que, nesse caso, é o “pampa” gaúcho, espaço dedicado principalmente à criação de gado e de fronteira entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai. Eis a letra da canção:

Quadro 1 – Letra de *Apaisanado*

Apaisanado	
Floreio o bico da gansa Nesta gateada lobuna A melhor das minhas alunas Na doma tradicional Por favor não levem a mal Este meu jeito fronteiro Filho de pai brasileiro Hijo de madre oriental Não carrego pretensão Mas não sou de me achicá Decerto trouxe de allá O gosto pela guitarra Quando a saudade se agarra Num bordoneio entonado É o meu povo enforquilhado Num bagual mandando garra	"Quem é do garrão da pátria Alma sangue e procedência O amor pela querência Traz retratada na estampa Retovos de casco e guampa No repertório da lida Pra que o sentido da vida Finque raízes na pampa" No cabo de uma solinge* Sou mais ligeiro que um gato No aporreado um carrapato Largando só no garrote E macho pra me dar bote Não se perca por afoito Junte mais uns sete ou oito E me atropelem de lote Numa milonga crioula Numa chamarra gaúcha Prego um grito de a la pucha E me acomodo no embalo Mateio ao canto do galo Gosto do assunto bem claro E se de a pé já não disparo Quanto mais bem a cavalo
<i>Refrão:</i> "Sou assim apaisanado Domador e guitarreiro Diariamente peão campeiro Nas folgas campeio festa Tapeio o chapéu na testa Pra ver melhor as imagens Talento fibra e coragem Não se compra nem se empresta"	

*O oneônimo Solinge aqui se configura como uma metonímia para faca, uma vez que a marca toma lugar do produto. Para Azeredo (2011), oneônimo é a “criação de lexemas e locuções referentes a marcas industriais ou artigos comerciais” (AZEREDO, 2011, p. 404).

Fonte: <<http://letras.mus.br/cesar-oliveira-rogerio-melo/520032/>>.

O ser *apaisanado*, exposto na canção, é qualificado como “domador”, “guitarreiro” e “fronteiro”: um sujeito forte, bravo, valente e destemido, que tem a consciência de ser “híbrido”, uma vez que é filho de brasileiro e de uma “madre oriental” (uruguaia). Essa imagem do ser “fronteiro” é construída pela presença de itens lexicais que são da língua espanhola (LE) e que foram incorporados ao falar do gaúcho, constituindo-se como empréstimos linguísticos.

Os itens *hijo* e *allá*, presentes na canção, estão ausentes dos dicionários de LP pesquisados, mas presentes no DRAE. Esses vocábulos são apresentados a seguir.

hijo, ja

1. m. y f. Persona o animal respecto de su padre o de su madre.

Já o advérbio *Allá* (=lá) é empregado no sentido da quarta acepção registrada:

allá

4. adv. l.U. para indicar alejamiento del punto en que se halla el hablante.

Tanto o substantivo *hijo* (=filho) quanto o advérbio de lugar *allá* (=lá) estão empregados na canção no sentido das acepções registradas.

Para o substantivo *madre*, três são as acepções registradas no DRAE, sendo as duas primeiras equivalentes à *mãe*, sentido em que se emprega a lexia na canção; a terceira acepção não é adequada, pois refere o título dado a uma religiosa:

Madre

1. Hembra que ha parido.

2. Hembra respecto de su hijo o hijos.

3. Título que se dá a ciertas religiosas.

Nos dicionários gerais da língua portuguesa (HOUAISS e AURÉLIO), há apenas o registro do substantivo *madre* como “freira, superiora de um convento”, significado que destoa da canção.

O advérbio de lugar *allá* e os substantivos *hijo* e *madre* podem ser considerados empréstimos da língua espanhola que foram incorporados no “falar fronteiriço”. Na canção, representam as marcas da hibridez que constitui o *eu lírico*⁵ como um sujeito de fronteira, que utiliza em seu cotidiano parte do léxico espanhol.

São identificados na canção alguns itens lexicais presentes em todos os dicionários pesquisados, tanto de LP quanto de LE, com a mesma grafia e as

mesmas acepções: *achicar* (na forma *achicá*, na canção), *bagual* e *milonga*. Observa-se, porém, que alguns dos dicionários de LP registram a origem como sendo da língua espanhola, seja identificada como *castelhano* (*cast.*), *espanhol* (*esp.*), *hispano-americano* (*hisp.-am.*) ou *rio-platense* (*plat.*), como apresentado no **Quadro 2**, a seguir. Essa é uma indicação de que, pelo menos em algum momento da história desses vocábulos, possivelmente foram empréstimos do espanhol castelhano para o português da fronteira do Rio Grande do Sul, enraizados no dialeto gaúcho por meio do contato linguístico-cultural.

No **Quadro 2** são apresentados os registros de *achicar*, *milonga* e *retovo* nos dicionários de língua portuguesa (com referência à LE) e no DRAE.

Quadro 2 – *Achicar, bagual, milonga*

Itens Lexicais	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Achicar	3 Causar medo ou amedrontar-se. acovardar-se, intimidar-se. (Do <i>cast.</i> Achicar – ‘minguar, diminuir’).	Tornar pequeno; diminuir; acovardar-se, intimidar-se. (Do <i>esp.</i> achicar).	Tornar pequeno; diminuir, desprezar; desmoralizar. (Do <i>cast.</i> achicar).	Tornar pequeno, diminuir	3 Humillar, acobardar. 4 Hacer de menos, rebajar la estimación de alguien o algo.
Bagual	2 Que ou o que é bravo e arrojado (diz-se de pessoa ou cavalo). 6 Cavalo selvagem. 7 Qualquer cavalo (linguagem afetiva). (Do <i>plat.</i> bagual).	1 Diz-se de potro arisco. 5 Pouco sociável. intratável. 6 Muito grande; desmedido; fora do comum. (Do <i>hisp.-am.</i> bagual).	1 Animal não castrado; reprodutor; pastor. 2 Cavalo selvagem, ou seja, ainda não domado. 8 Pouco sociável; rude, brutalizado, grosseiro (pessoas). (Do <i>hisp.-amer.</i> bagual).	Potro recém-domado, arisco espantadiço. Pessoa grosseira. Variação de baguá	1 (Par. y Ur.) incivil. 2 (Arg. y Ur.) Potro o caballo no domado.
Milonga	1 Canto e dança populares nas cercanias de Buenos Aires e de Montevideu no final do século XIX, inspirados na <i>habanera</i> cubana e no tango espanhol e absorvidos pelos argentinos. 2 Música platina de ritmo dolente, cantada com acompanhamento de guitarra ou violão.	1 Canto e dança do tipo habanero tango andaluz, popular nos subúrbios de Montevideu e Buenos Aires nos fins do século XIX, e que vieram ser absorvidas pelo tango. 2 Espécie de música platina dolente, em ritmo binário, cantada ao som do violão. (Do <i>esp. plat.</i> milonga).	Toada dolente, crioula, de procedência argentina, cantada ao som do violão ou da guitarra. (Do <i>cast. plat.</i> milonga).	Espécie de música platina dolente, em ritmo binário, cantada ao som do violão	1 Composición musical folclórica argentina de ritmo apagado y tono nostálgico, que se ejecuta con la guitarra 2 Copla con que se acompaña. 3 Composición musical argentina de ritmo vivo y marcado en compás de dos por cuatro, emparentada con el tango. 4 Canto con que se acompaña. 5 Baile argentino vivaz de pareja enlazada.

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁵ Para Cara (1989, p. 48), o *eu lírico* “sempre existe através das escolhas de linguagem que o poema apresenta, mas na poesia moderna fica mais evidente que o sujeito lírico é o responsável por esses “atos de denominação”: não pode ser confundido com o poeta em carne e osso porque sua existência

brota da melodia, do canto, da sintaxe, do ritmo: o sujeito lírico é o próprio texto, e é no texto que o poeta real transforma-se em sujeito lírico”.

O verbo *achicar* é registrado com o significado de “tornar pequeno” ou “acovardar-se” e ao ser mencionado no verso “Mas não sou de me achicá”, assume a segunda acepção, com a conotação de “não ter medo”. Estruturalmente, essa forma verbal tem sua grafia na canção modificada para *achicá*, a fim de aproximar-se da linguagem informal falada.

Sobre o vocábulo *bagual*, Rocha (2008), em pesquisas no banco de dados do ALERS - Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – explica ser uma possível influência da língua espanhola:

[...] a palavra *bagual* (*la*), para o DRAE, (cacique indígena argentino) que pode ser um adjetivo de uso coloquial que no Paraguai e no Uruguai significa “incivil”, ou que, na Argentina e no Uruguai significa potro ou cavalo não domado, ou ainda, especificamente na Argentina, *bagual* (*la*) é o nome

dado à canção popular do noroeste da Argentina, de versos octossilábicos e características elevações de tons, que se acompanha com caixa. (ROCHA, 2008, p. 68)

Outras lexias se apresentam nos dicionários pesquisados com as mesmas acepções e indicação de origem da língua espanhola, como é o caso, nesta canção, de *retovo*. No entanto, a grafia difere daquela da língua de origem, pois na LP houve uma adequação à pronúncia do espanhol de fronteira, como se pode ver no **Quadro 3**, abaixo, que apresenta a grafia *retobo* no DRAE, entre colchetes:

O item *chamarra* não está registrado no HOUAISS, AURÉLIO, mas tem registros nos dicionário regionalistas (BOSSLE e OLIVEIRA) e no DRAE, conforme o **Quadro 4**.

Quadro 3 – Retovo

Item	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Retovo	1 couro com que se cobre ou reveste qualquer objeto. 2 couro de cria morta, com que outro animal se cobre, a fim de que a mãe do que morreu aceite amamentá-lo.	1 Forro de couro muito usado em cabos de relho, bengalas, etc. 2 Couro de bezerro ou de potrinho morto, com que se cobre outro animal para que a mãe do que morreu aceite amamentá-lo. (Do <i>esp. plat. retobo</i>).	1 Cobertura feita de couro com a qual se guarnecem alguns objetos campeiros, como cabos e relhos, cabos de facas, boleadeiras, etc. 2 Couro de terneiro ou de potrilho morto, com que se reveste outro animal para que este seja amamentado pela mãe do que morreu. 3 Apoio, arrimo; conselhos. (Do <i>cast. plat. retobo</i>).	1 Forro de couro muito usado em cabos de relho, bengalas. 2 Couro de terneiro ou de potrinho morto, com que se cobre outro animal, para fazê-lo mamar na mãe do que morreu.	[retobo] 1 Acción y efecto de retobar. 2 Arpillera, tela basta o encerado con que se retoba. 3 desecho (cosa que no sirve). 4 Pedazo de cuero que se usa para forrar o cubrir algo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 4 – Chamarra

Item	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Chamarra	Ritmo musical argentino.	O mesmo que samarra – Vestuário grosseiro e antigo de peles de ovelha.	Vestidura de jerga o paño burdo, parecida a lazamarra.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O AURÉLIO apresenta o registro *Samarra* (Do *hisp. amer. chamarra*), com o seguinte significado: “vestimenta feita com pele de ovelha, sem extrair-lhe a lã. / Espécie de túnica ou batina dos eclesiásticos”. Para o substantivo *chamarra* há, portanto, registros no AURÉLIO (com a grafia *samarra*), BOSSLE, OLIVEIRA e DRAE, sendo a acepção equivalente ora ao ritmo musical argentino, ora a uma peça de pano. No contexto da canção, *chamarra* significa um ritmo musical. Apesar de não estar registrado no DRAE, há a referência no BOSSLE que tal ritmo é importado da Argentina. Além do léxico, é possível destacar o compartilhamento também dos substratos culturais.

Os itens *chamarra* e *milonga* lembram a vida boêmia, os bailes e as reuniões dançantes comuns e típicas da região. Nesse caso, além das palavras, observam-se costumes e danças compartilhados entre castelhanos e gaúchos. Enquanto isso, *retovos* remete à vida campeira, às lidas e trabalho com o gado, pois é um “forro de couro” que é usado no cotidiano no peão campeiro em diversas tarefas, por exemplo, usado para cobrir ou revestir objetos como a faca.

Ao mencionar “quem é do garrão da pátria”, há uma metáfora do calcanhar (garrão), relacionada com a posição da fronteira oeste do Rio Grande do Sul em relação ao mapa do Brasil (parte inferior do mapa). No contexto da canção, os versos “alma sangue e procedência / amor pela querência” fazem referência a esse “garrão da pátria” que se constituiu como fronteira móvel, cenário de múltiplas batalhas travadas pela disputa territorial, causando o derramamento de sangue de muitos. Nos versos “Retovos de casco e guampa / No repertório da lida / Pra que o sentido da vida / Finque raízes na pampa”, corroboram-se as ideias apresentadas anteriormente de que a *região da fronteira* tem uma forte ligação com as atividades campeiras, pela forte presença da pecuária.

De igual forma, podemos registrar aqui a interjeição *a la pucha*, que exprime espanto, surpresa ou admiração. Essa expressão consta apenas nos dicionários regionalistas (BOSSLE 2003; OLIVEIRA, 2010) e é ainda

registrada pelo BOSSLE com as grafias *a la putcha* e *a la puxa*. Traços da LE estão presentes pelo uso da preposição *a* + artigo definido *la* (que é comum no espanhol como ocorre em *en la* e *de la*).

É importante observar a escolha pelas lexias *guitarra* e *guitarreiro*. Embora a origem de ambas seja o grego *kithára* (=cítara, instrumento musical de cordas), na canção o emprego faz referência ao que, em português contemporâneo, chamamos mais usualmente *violão*, o instrumento musical, e *violeiro*, pessoa que toca esse instrumento. Segundo Cunha (1986), *guitarra* entrou no português como *gitarra* no século XVI, oriunda do árabe e do espanhol (há controvérsias sobre em qual das duas línguas se verificou primeiro). Como no espanhol permanece apenas a forma *guitarra*, sugere-se aqui que seu emprego na canção seja motivado pela proximidade com os vizinhos de fala hispânica.

Quadro 5 – Letra de *Os “loco” lá da fronteira*

Os “loco” lá da fronteira	
<p>Não “afroxemo” nem os “lançante” Pois “semo” loco de dá com um pau “Cruzemo” a nado se o rio não dá vau Neste mundo “véio” flor de cabuloso E o “malabruja” quando esconde o toso Nós “esporiemo” bem no sangrador Em rancho de china, se “campiemo” amor “Entremo” sem sono e “garantimo” o poso</p> <p><i>Refrão:</i> “Semo” medonho no cabo da dança “Gostemo” mesmo é de bochincho grosso Que é pra sair tramando o pescoço Ao trote largo nalguma rancheira E bem “campante”, levantando poeira Coisa gaúcha, vício de campanha “Limpemo” a goela num trago de canha Pois “semo” loco de lá da fronteira</p> <p><i>Refrão:</i> “Semo” bem loco... LocodeBueno Mas “temo” veneno na folha da faca</p>	<p>Quando o sangue ferve, e “viremo” a cabeça Por Deus, paisano...! Ninguém ataca Nós “semo” loco lá da fronteira De raça tranquila, mas de pouca cincha! E de vereda quando o lombo incha Saiam de perto, que a xuceza é tanta Cremo em “percanta” que seja “percanta” “Apartemo” os “maula” pra outra invernada E a nossa bebida mais sofisticada É canha gelada, num “samba com fanta”</p> <p>Nós “semo” loco, mas não “semo” bobo “Semo” parceiro de quem é parceiro Nas horas brabas e no entrevero Nunca “dexamo” um amigo solito Pode ser feio... pode ser bonito Mas é nosso jeito de levar a vida Por ser de campo e por gostar da lida É que volta e meia nós “preguemo” o grito.</p>

Fonte: <<http://letras.mus.br/cesar-oliveira-rogerio-melo/520042/>>;

A canção *Os “loco” lá da fronteira* (**Quadro 5**, retro) aborda, de forma descontraída, as características do sujeito da fronteira, com suas virtudes e adversidades que enfrenta. A letra da canção também revive alguns costumes daqueles que vivem no pampa, identificados por meio de vocábulos como *rancho* – moradia humilde, geralmente do peão de estância – e *cincha* – peça utilizada para a montaria.

Na canção, como o próprio título sugere, são apresentadas características relativas a um ideal de homem: como destemido, valente, simples e companheiro. A força e a bravura são representadas logo no início com os versos:

Não “afroxemo” nem os “lançante”
 Pois “semo” loco de dá com um pau
 “Cruzemo” a nado se o rio não dá vau
 Neste mundo “véio” flor de cabuloso

Nos versos, é citado *canha* (=cachaça), bebida alcoólica forte feita à base de cana de açúcar, o que denota a preferência do sujeito apresentado por bebidas mais fortes. A expressão *Samba com fanta* é um vocábulo informal utilizado para referir-se a uma bebida popular no RS de cachaça com refrigerante a base de laranja. Assim, pode ser vista a marca de pessoas que têm o gosto por bebidas fortes e/ou populares.

O *eu lírico* caracteriza a si próprio e a seus compatriotas pelo companheirismo e a lealdade aos amigos, como pode ser observado nos versos:

Nós “semo” loco, mas não “semo” bobo
 “Semo” parceiro de quem é parceiro
 Nas horas brabas e no entrevero
 Nunca “dexamo” um amigo solito
 Pode ser feio... pode ser bonito
 Mas é nosso jeito de levar a vida
 Por ser de campo e por gostar da lida
 É que volta e meia nós “preguemo” o grito.

O sujeito da fronteira representado nesses versos caracteriza-se como amigo e “companheiro” em todas as circunstâncias. Os itens lexicais presentes na canção, que variam entre vocábulos da LP, LE e expressões regionais, auxiliam a delinear esse perfil: epítetos dados aos sujeitos, expressões que revelam visões de mundo ou objetos de uso específico do cotidiano. Além disso, são revelados traços da norma popular (PRETI, 2003) a partir do uso das formas verbais (entre aspas) conjugadas conforme a linguagem oral, tais como “Semo”, “dexamo” e “preguemo”.

O léxico de fronteira destaca a ligação entre linguagem e cultura, o que pode ser percebido no repertório vocabular comum aos falantes da região: a incorporação de itens próprios da LE e não registrados em dicionários da LP ou, quando registrados, esclarecendo que é uma variante utilizada na fronteira do Rio Grande do Sul, como é o caso de *Bueno* no **Quadro 6**, a seguir:

Quadro 6 – *Bueno*

Item	HOUAISS	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Bueno	De boa índole; bom, bondoso (<i>espanhol</i>).	Bom, útil, bondoso, agradável (<i>cast.</i>).	Bom.	1 Que tiene bondad en su género. 2 Útil y a propósito para algo. 3 Gustoso, apetecible, agradable, divertido.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O vocábulo *bueno* encontra-se registrado em um dos dicionários de língua geral (HOUAISS, 2004) e nos regionalistas (BOSSLE, 2003; OLIVEIRA, 2010) com o significado de “bom”, vocábulo cuja origem é espanhol castelhano.

O adjetivo *loco*, registrado em um dos dicionários regionalistas (OLIVEIRA) e no DRAE, é empregado conforme seus registros. No **Quadro 7**, a seguir, estão os registros de *loco*.

Quadro 7 – *Loco*

Item	OLIVEIRA	DRAE
Loco	Louco	1 Que ha perdido la razón. 2 De poco juicio, disparatado e imprudente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A lexia *loco* (= *louco*), usada em alguns versos da canção e inclusive no título desta, ao ser encontrada no Dicionário Gaúcho (OLIVEIRA, 2010) caracteriza-se como parte do *léxico regional* e ao ter entrada no DRAE verifica-se a incidência de empréstimo linguístico.

Já a expressão *mala bruja* não consta no DRAE como tal, mas sim as duas palavras da LE que a compõem (*mala + bruja*), exercendo a função de adjetivo.

Mala bruja

BOSSLE: Pessoa ruim; velhaca (registrado como mala-bruxa).

OLIVEIRA: Mala: má. Bruja: bruxa; sem dinheiro.

Mala bruja, ao ser registrado apenas nos dicionários regionalistas, caracteriza-se como uma expressão regional que diz respeito a uma pessoa ruim e sem caráter. Nesse caso, a expressão constitui-se a partir do empréstimo de dois vocábulos da LE (*mala + bruja*).

Ainda, *solito* possivelmente é construído a partir do adjetivo espanhol *solo*, aliado ao sufixo derivacional de diminutivo *-ito*, significando “sozinho”. Poder-se-ia também supor que no português da fronteira é possível usar o sufixo *-ito* para fazer diminutivo.

A seguir, são apresentados os vocábulos *cincha*, *maula*, e *rancho*, apresentados no **Quadro 8**.

Quadro 8 – *Cincha, maula, rancho*

Itens lexicais	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Cincha	Peça de arreios constituída de tira de couro ou pano forte (barrigueira) que passa por baixo da barriga do animal e de um travessão para segurar a sela ou o lombilho; chincha. (Regionalismo: sul do Brasil).	Faixa de couro ou de qualquer tecido forte, que passa por baixo da barriga da cavalgada para segurar a sela. (Do <i>esp. plat.</i> cincha).	Peça geralmente de couro, componente dos arreios, usada para apertar como uma cinta o lombilho ou o serigote, passando pela barriga do animal de montaria.	Tento, tira de couro.	Faja de cáñamo, lana, cerda, cuero o esparto, con que se asegura la silla o albarda sobre la cabalgadura, ciñéndola ya por detrás de los codillos o ya por debajo de la barriga y apretándola con una o más hebillas.
Maula	(Regionalismo: Rio Grande do Sul. Uso: pejorativo). diz-se de animal ou pessoa mole, fraca, sem préstimo.	Diz-se de homem ou de cavalo ruim, mole, fraco, covarde. (Do <i>esp. plat.</i> maula).	Diz-se de cavalo ou de homem ruim, fraco, mole, covarde, frouxo, tímido, medroso, ordinário, caborteiro.	Pessoa desprezível ou pouco confiável.	1 Cobarde, despreciable.
Rancho	1 habitação precária, pobre; choça, choupana. (Regionalismo: Sul do Brasil). 2 casebre feito de pau a pique e coberto de folhas	1 Grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho; 2 Acampamento ou barraca para abrigar rancho; ranchada. (Do <i>esp.</i> rancho).	Choupana, palhoça, moradia humilde.	Fazenda onde se cria gado, choupana.	3 Lugar fuera de poblado, donde se albergan diversas familias o personas; 4 Choza o casa pobre con techumbre de ramas o paja, fuera de poblado.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Relacionados à vida no campo, os vocábulos, destacados da canção e dispostos no quadro, estão registrados nos dicionários de língua geral e nos regionalistas com referência ao espanhol, ou seja, essas obras lexicográficas defendem que o uso desses itens na língua se dá por meio da Língua Espanhola. No caso de *cincha*, há uma referência às lidas e rotinas campeiras, já que esta é uma das peças utilizadas para arreamento da montaria. Ainda sobre a vida no campo, *rancho* pode ser a habitação humilde que geralmente serve de residência ao trabalhador das estâncias ou a nomeação dada a toda estância; em algumas regiões do RS ainda pode ser encontrado o uso com a referência às compras do mês (fazer compras = fazer rancho).

Já o item *maula* retoma metaforicamente tanto os animais de contato diário, como o cavalo, quando estes não são bons para o trabalho ou não servem pra nada no campo, quanto as pessoas que não são consideradas confiáveis.

Fazendo relação com os bailes e os entretenimentos na fronteira, identificamos na canção os itens *percanta*, *bochincho* e *rancheira*. O **Quadro 9**, abaixo, apresenta esses dois últimos.

Não incluso no **Quadro 10**, mas pertencente a esse mesmo campo semântico⁶ há o item *percanta*, igualmente referente ao contexto de bailes.

Quadro 9 – Bochincho, rancheira

Itens lexicais	HOUAISS	AURÉLIO	BOSSLE	OLIVEIRA	DRAE
Bochincho	O mesmo que <i>bochinche</i> (Regionalismo: sul do Brasil) 1 baile das classes menos favorecidas; arrasta-pé. 2 espécie de batuque ou divertimento próprio da plebe. 3 perturbação da ordem; arruaça, desordem, briga	1 Arrasta-pé. 2 Divertimento popular. (Do <i>esp. plat.</i> bochinche).	Baile de baixa categoria; arrasta-pé (variante de bochinche).	<i>Bochinche</i> – tumulto, barulho.	[bochinche] Tumulto, barullo, alboroto, asonada.
Rancheira	1 Dança popular no Rio Grande do Sul, oriunda da Argentina. 2 Música com que se acompanha essa dança.	Dança popular oriunda da Argentina e muito comum no Rio Grande do Sul. Música adequada para essa dança.	1 Certa dança popular, muito comum entre os gaúchos; 2 A música dessa dança. (Do <i>cast. plat.</i> ranchera).	Dança popular, originária da Argentina, comum no Rio Grande do Sul.	[Ranchera] 1 Pertenciente o relativo al rancho. 4 Persona que gobierna un rancho. 5 Canción y danza populares de diversos países de Hispanoamérica.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 10 – Percanta

Item	BOSSLE	OLIVEIRA
Percanta	Mulher jovem, china, chinoca, pinguancha.	Mulher que dança tango.

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁶ Para Abbade (2011), no campo semântico “as palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo” (ABBADÉ, 2011, p. 1332).

As lexias *bochincho*, *rancheira* e *percanta* podem revelar a presença marcante da dança na vida do sujeito fronteiro, bem como as características desses bailes. *Bochincho* e *rancheira* estão nos dicionário de língua geral e nos regionalistas, registrando a origem na LE. Esses vocábulos referem-se à reunião dançante; a primeira remete ao baile propriamente dito e a segunda lembra o tipo de dança comum nos bailes da Argentina e do Rio Grande do Sul. O item *percanta*, identificado apenas nos dicionários regionalistas, também se insere nesse contexto referindo-se às mulheres jovens ou, no contexto argentino, à mulher que dança tango. Em ambos os contextos, *percanta* tem conotação pejorativa, já que é usado para referir-se à mulher considerada “fácil”.

Nesse universo, as canções gauchescas, a linguagem empregada e a rede de representações imaginárias configuram uma rede de particularidades de uma determinada região. Essas particularidades podem ser consideradas regionalidades, que são especificidades, características peculiares, traços que identificam pertencimento a uma determinada região. Nesse processo, o léxico ganha um papel essencial, uma vez que por meio de um léxico peculiar (ou regional) há a identificação e a ressignificação de muitas representações e visões de mundo. Marcas específicas se constituem como particularidades, construtos simbólicos que edificam identidades culturais e regionalidades.

5 Considerações finais

Viver a pluralidade cultural e a diversidade linguística é, no mundo contemporâneo, participar da riqueza da qual todos inevitavelmente fazemos parte. Nesse contexto, é tarefa da educação fazer com que crianças e jovens “leiam” suas realidades e consigam agir sobre a mesma, encarando a diversidade como parte edificadora do mundo ao qual pertencemos. É dever da escola, então, desenvolver ações que viabilizem o respeito, a promoção

e a manutenção das línguas faladas por sua comunidade e de tudo que as envolve.

Ao longo do texto expusemos aspectos da diversidade linguística e cultural no contexto do Rio Grande do Sul e, com base nessas informações, sugere-se a música regional como possibilidade de atividade pedagógica capaz de promover os valores e as raízes linguísticas e culturais.

A proposta aqui apresentada não se esgota ou se restringe, mas procura refletir sobre as práticas pedagógicas e servir de base para pesquisas futuras, bem como ponto de partida para trabalhos em sala de aula que promovam a valorização da pluralidade cultural e a diversidade linguística tanto no contexto sul-rio-grandense, como no nacional. Por fim, registra-se que, por meio do léxico, são revelados, além de particularidades linguísticas, traços das atividades típicas e/ou cotidianas de uma comunidade, caracterizando-se como uma peça decisiva no grande quebra-cabeça da identidade linguístico-cultural de um grupo.

Referências

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFil, v. XV, n. 5. p. 1331-1343, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Org.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013. p. 93-116.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. *O contato linguístico e o Brasil*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BARROSO, Véra Lucia Maciel. Os açorianos no Rio Grande do Sul: uma presença desconhecida. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Org.). *Releituras da história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2011, p. 115-138.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOSSLE, Batista. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CRUXEN, Edison Bisso A ocupação ibérica do território e as disputas pelas fronteiras do continente de Rio Grande. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Org.). *Releituras da história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2011. p. 65-87.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAL CORNO, Giselle O. M. Consequências de atitudes linguísticas negativas em grupos linguísticos: da estigmatização à solidariedade. In: FROSI, Vitalina M.; FAGGION, Carmen M.; DAL CORNO, Giselle O. M. (Org.). *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educ, 2010. p. 77-97.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

HOUAISS, Instituto Antônio (Org.). *Dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LEFFA, Wilson J. Prefácio. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Org.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013. p. 93-116.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2010.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: Monolingüismo e Preconceito Lingüístico. *Revista Linguagem*. 11 ed. 2009. s/p. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao11/artigo12.pdf>

ROCHA, Patrícia Graciela da. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza, 2001.

SOUZA, Célia Ferraz de. *Contrastes regionais e formações urbanas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ARAÚJO, Maria Helena Santos; ALVIM, Maria Teonila de Faria. *Metodologia e prática de ensino da Língua Portuguesa*. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.

Recebido em 27/08/2016.

Aceito em 04/01/2017.